

Firmeza na negociação

JORNAL DE BRASÍLIA

A presença do ministro Funaro nos Estados Unidos mostra bem a importância para o futuro do país, da negociação de nossa dívida externa. Esta é uma questão crucial da qual depende todo o nosso futuro imediato. O Brasil adotou o tom da firmeza sem extremismos e não está disposto a ser sacrificado.

Funaro utiliza um tom conciliatório e mostra que o Brasil quer cumprir todos os seus compromissos internacionais. Mas expressa isso com a linguagem de um representante de uma nação soberana, que não está disposto a sacrificar os interesses maiores de seu país aos caprichos do sistema monetário internacional.

Analisando a atual situação, o ministro Funaro mostrou com clareza que a preocupação maior do sistema monetário internacional tem sido o do pagamento do serviço da dívida externa. Assim o que tem ocorrido é a recessão e o aumento da inflação nos países devedores. Este é o caminho preconizado pelo Fundo Monetário Internacional e que o Brasil se recusa a seguir. Em relação ao FMI, o ministro foi rigoroso: o Brasil só aceitará sua interferência nos limites dos estatutos de que somos subscriptores, isto é, uma visita anual dos técnicos daquela instituição. Ele recusa, assim, a monitoria daquela instituição internacional.

Alegando a singular situação do Brasil, sua volta ao crescimento, o controle da inflação e o reencontro do pleno emprego, Funaro exigiu um tratamento excepcional para o Brasil. Em 1985, chegamos a pagar 24% de toda a poupança interna. A conti-

nuar neste ritmo, estaremos condenados à recessão e à crise econômica e social.

Pedindo a compreensão dos credores internacionais mas, simultaneamente, manifestando firmeza, o ministro colocou as condições do Brasil no processo de renegociação de nossa dívida. Toda a nação se uniu na proposição da Aliança Democrática, que é de garantir uma margem de nossa poupança para os investimentos destinados a assegurar o nosso crescimento econômico. Disto o governo não abre mão e está disposto a endurecer o tom nas negociações. Entretanto, o Brasil continua aberto ao diálogo e só apelará para medidas mais duras em caso de insucesso, embora esperamos não ter de chegar a isso.

Sendo um país aberto à colaboração internacional, o governo acena para nossos credores com uma perspectiva promissora: a transformação de parte da dívida em investimentos. Nós necessitamos de crescer e apresentamos, agora, um mercado promissor para os que aqui vierem a se instalar.

A posição brasileira é a que mais convém a todos, mesmo aos credores. Somente reservando uma parte da poupança dos países devedores para a importação é que estes podem crescer e o comércio internacional se reativar. Só o imediatismo de organismos financeiros internacionais não vê este fato evidente. É desta maneira que podemos, mesmo se for em prazo mais amplo, liquidar com nossa dívida. A solução alternativa só pode levar à crise social e à conturbação de grande parte do mundo. A voz da razão acabará por triunfar.